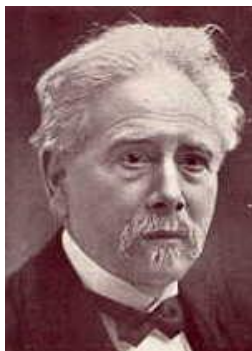


Teófilo Braga (1843-1924), poeta y político



El **siglo XIX**, con sus movimientos literarios asociados (**Romanticismo, Realismo-Naturalismo, Post-Romanticismo**), es una de las centurias más relevantes de la literatura portuguesa. Es el siglo de **Almeida Garret** (1799-1854), **Alexandre Herculano**, **Camilo Castelo Branco** (1825-1890), **Júlio Dinis** (1839-1871), **Eça de Queirós** (1845-1900), **Antero de Quental** (1842-1891), **Manuel Teixeira Gomes** (1860-1941), **Guerra Junqueiro**, **Gomes Leal**, **Cesário Verde** (1855-1886), **João da Penha**, **Camilo Pessanha** (1867-1926), **António Nobre** (1867-1903), **Eugênio de Castro**, **Raul Brandão** (1867-1930)...

Uno de los autores más destacados de la llamada **Generación del 70**, **postromántica**, fue precisamente nuestro poeta, **Teófilo Braga**, quien, además de poeta, fue el **primer presidente** de la **República portuguesa** en 1910.

Teófilo Braga fue político, profesor y escritor, uno de los principales representantes de la **Generación del 70** y un autor muy prolífico. **Ramalho Ortigão** dijo, refiriéndose a él:

“o trabalho de uma geração inteira empreendido no cérebro de um só homem”.

Su obra monumental abarca la poesía, la historia literaria, la teoría de la literatura, la ficción y la traducción. Una de sus obras más populares es ***Contos Tradicionais do Povo Português*** (1883), en dos volúmenes, donde recoge las más importantes narraciones populares de su país: **“Frei João Sem Cuidados”**, **“O caldo de pedra”**, **“O sapateiro pobre”**, **“O cego e o moço”**, **“Lenda do Paraíso”**, **“O ermitão e o ladrão”**, **“As adivinhas em anexins”** y muchas más.

Transcribimos aquí algunos de sus relatos más conocidos.

Frei João Sem-Cuidados

O rei ouvia sempre falar em Frei João Sem-Cuidados como um homem que não se afligia com coisa nenhuma deste mundo. E isso provocava-lhe uma certa inveja:

— Deixa estar, que eu hei-de meter-te em trabalhos — pensou o rei para consigo.

Mandou-o chamar à sua presença e disse-lhe:

— Vou dar-te uma adivinha e, se dentro de três dias, não me souberes responder, mando-te matar. Quero que me digas:

1.º Quanto pesa a lua?

2.º Quanta água tem o mar?

3.º Que é que eu penso?

Frei João Sem-Cuidados saiu do palácio bastante atrapalhado, pensando nas respostas que havia de dar a cada uma daquelas perguntas.

O velho moleiro encontrou-o no caminho e estranhou ver o frade tão macambúzio e de cabeça baixa.

— Olá, Frei João Sem-Cuidados, então porque é que está tão triste?

— É que o rei disse-me que me mandava matar se, dentro de três dias, não lhe respondesse quanto pesa a lua, quanta água tem o mar e em que é que ele pensa!

O moleiro desatou a rir e disse-lhe que não tivesse cuidado, que lhe emprestasse o hábito de frade, que ele iria disfarçado e havia de dar boas respostas ao rei.

Passados três dias, o moleiro, vestido de frade, foi pedir audiência ao rei. Este perguntou-lhe:

— Então quanto pesa a lua?

— Saberá Vossa Majestade que não pode pesar mais do que um arrátel, pois todos dizem que ela tem quatro quartos.

— É verdade. E agora: quanta água tem o mar?

— Isso é muito fácil de saber. Mas como Vossa Majestade só quer saber a água do mar, é preciso primeiro mandar tapar os rios, porque sem isso nada feito.

O rei achou bem respondido, mas, zangado de ver Frei João Sem-Cuidados a escapar-se às dificuldades, tornou:

— Agora, se não souberes que é que eu penso, mando-te matar!

O moleiro respondeu:

— Ora, Vossa Majestade pensa que está a falar com Frei João Sem-Cuidados e está mas é a conversar com o seu moleiro.

O velho moleiro deixou então cair o capucho de frade e o rei ficou pasmado com a esperteza dele e a do João Sem-Cuidados, que tão bem soube fazer-se substituir.

Após a leitura atenta do conto responde às seguintes perguntas:

1. Faça o resumo do conto por palavras suas.
2. Porque é que o Frei era conhecido por “Frei João sem-cuidados”?
3. A quantas perguntas tinha que responder o Frei João para salvar a sua própria vida? Refira-as
4. Em que estado é que o velho moleiro encontrou o frade à saída do palácio?
5. Qual foi a justificação que o Frade deu ao moleiro pelo estado em que se encontrava?
6. O que sugeriu o moleiro?
7. De acordo com o texto, a que se refere a palavra “arrátel”?
8. Qual foi a reação do “moleiro” ao responder à segunda pergunta feita pelo rei?
9. Qual foi a reação do rei às respostas dadas por quem ele pensava ser o frei? Como é que o rei se sentiu?
10. O que é que revelou “o moleiro” quando respondeu à última pergunta?
11. Qual é a moral da história?

(Tomado de “Aulas de português”, de Sofia Pinto, <http://aulas-pt.blogspot.com/2013/03/conto-popular-portugues-frei-joao-sem.html>)

Os dez anõezinhos da Tia Verde-Água

Era uma vez uma rapariga casada que se dava muito mal com o marido porque tudo na casa estava sempre desarrumado e, por mais que ela cirandasse de um lado para o outro, parecia que o tempo nunca lhe chegava para nada!

Lá em casa, a vida começou mesmo a ser insuportável, com o marido sempre a queixar-se e até a ralhar-lhe a todo o instante, e ela a andar cada vez mais triste, sem saber o que fazer à vida.

Tinha, ao lado, uma vizinha que era já velhota, mas muito simpática. Havia quem dissesse que as Fadas eram amigas dela e a ajudavam quando ela mais precisava. Chamavam-lhe a Tia Verde-Água.

Um dia foi bater-lhe à porta, e disse-lhe:

– Ai, Tia! Vossemecê é que me podia valer nesta aflição.

– Pois sim, filha! Eu tenho dez anõezinhos muito habilidosos, e mando-tos para tua casa para te ajudarem.

E a velhota explicou-lhe o que devia fazer para os anõezinhos a ajudarem melhor: pela manhã, quando se levantasse, fizesse a cama e acendesse o lume, depois enchesse o cântaro de água, varresse a casa, passasse a roupa, preparasse o que havia de cozinhar para o jantar... pois assim havia de ver como em tudo ela havia de ser muito ajudada pelos anõezinhos, sem o sentir...

A rapariga assim fez e, se bem o cumpriu, melhor lhe saiu: o marido passou a andar muito contente e ela cada vez mais feliz. A casa, essa então nem parecia a mesma, tão arrumadinha! Resolveu um dia ir agradecer à sua vizinha:

– Ai, Tia Verde-Água, os seus dez anõezinhos fizeram-me um serviço! Agora a casa está muito arranjada, e nós estamos muito felizes. O que eu lhe pedia ainda é que mos deixasse lá ficar.

A velhinha respondeu-lhe:

– Deixo, deixo. Pois tu não viste os dez anõezinhos?

– Ainda não. O que eu mais queria era vê-los.

– Não sejas tola! Se os quiseres ver, olha para as tuas mãos. Os teus dedos é que são os dez anõezinhos!

Quando a Tia Verde-Água lhe disse isto, a rapariga percebeu o que lhe estava a acontecer, agradeceu muito à Tia Verde-Água e foi para casa muito contente por ter aprendido como é que se faz luzir o trabalho.

(Tomado de **Maria Alberta Menéres**, *100 Histórias de todos os tempos*. Porto, Ed. Asa, 2003)

O caldo de pedra

Um frade andava ao peditório; chegou à porta de um lavrador, mas não lhe quiseram aí dar nada.

O frade estava a cair com fome, e disse:

– Vou ver se faço um caldinho de pedra. E pegou numa pedra do chão, sacudiu-lhe a terra e pôsse a olhar para ela para ver se era boa para fazer um caldo. A gente da casa pôs-se a rir do frade e daquela lembrança. Diz o frade:

– Então nunca comeram caldo de pedra? Só lhes digo que é uma coisa muito boa.

Responderam-lhe:

– Sempre queremos ver isso.

Foi o que o frade quis ouvir. Depois de ter lavado a pedra, disse:

– Se me emprestassem aí um pucarinho.

Deram-lhe uma panela de barro. Ele encheu-a de água e deitou-lhe a pedra dentro.

– Agora se me deixassem estar a panelinha aí ao pé das brasas.

Deixaram. Assim que a panela começou a chiar, disse ele:

– Com um bocadinho de unto é que o caldo ficava de primor.

Foram-lhe buscar um pedaço de unto. Ferveu, ferveu, e a gente da casa pasmada para o que via.

Diz o frade, provando o caldo:

– Está um bocadinho insosso; bem precisa de uma pedrinha de sal.

Também lhe deram o sal. Temperou, provou, e disse:

– Agora é que com uns olhinhos de couve ficava que os anjos o comeriam.

A dona da casa foi à horta e trouxe-lhe duas couves tenras. O frade limpou-as, e ripou-as com os dedos deitando as folhas na panela.

Quando os olhos já estavam aferventados disse o frade:

– Ai, um naquinho de chouriço é que lhe dava uma graça...

Trouxeram-lhe um pedaço de chouriço; ele botou-o à panela, e enquanto se cozia, tirou do alforge pão, e arranjou-se para comer com vagar. O caldo cheirava que era um regalo. Comeu e lambeu o beijo; depois de despejada a panela ficou a pedra no fundo; a gente da casa, que estava com os olhos nele, perguntou-lhe:

– Ó senhor frade, então a pedra?

Respondeu o frade:

– A pedra lavo-a e levo-a comigo para outra vez.

E assim comeu onde não lhe queriam dar nada.

O sapateiro pobre

Havia um sapateiro, que trabalhava á porta de casa e todo o santissimo dia cantava; tinha muitos filhos, que andavam rotinhos pela rua, pela muita pobreza, e á noite emquanto a mulher fazia a ceia, o homem puchava da viola e tocava os seus batuques muito contente. Defronte d'elle morava um ricaço, que reparou n'aquelle viver, e teve pelo sapateiro tal compaixão, que lhe mandou dar um sacco de dinheiro, porque o queria fazer feliz.

O sapateiro lá ficou admirado; pegou no dinheiro, e á noite fechou-se com a mulher para o contarem. N'aquella noite o sapateiro já não tocou viola; as crianças como andavam a brincar pela casa e faziam barulho, fizeram-no errar na conta e elle teve de lhes bater, e ouviu-se uma choradeira, como nunca tinham feito quando tinham mais fome. Dizia a mulher:

— E agora, o que havemos nós fazer a tanto dinheiro?

— Enterra-se.

— Perdemos-lhe depois o tino; é melhor mettel-o na arca.

— Mas podem furtal-o. O melhor é pôl-o a render.

— Ora isso é ser onzeneiro.

— Então levantam-se as casas, e fazem-se de sobrado, e depois arranjo a officina toda pintadinha.

— Isso não tem nada com a obra; o melhor era comprarmos uns campinhos; eu sou filha de lavrador e pucha-me o corpo para o campo.

— N'essa não caio eu.

— Pois o que me faz conta é ter terra; tudo o mais é vento.

As cousas foram-se azedando, palavra pucha palavra, o homem zanga-se, atixa duas solhas na mulher, berreiro de uma banda, berreiro de outra, n'aquella noite não pregaram olho. O visinho ricaço, reparava em tudo, e não sabia explicar aquella mudança. Por fim o sapateiro disse á mulher:

— Sabes que mais, o dinheiro tirou-nos a nossa antiga alegria! O melhor era ir leval-o outra vez ao visinho d'ali defronte, e que nos deixe cá com aquella pobreza que nos fazia amigos um do outro.

A mulher abraçou aquillo com ambas as mãos, e o sapateiro com vontade de recobrar a sua alegria e a da mulher e dos filhos, foi entregar o dinheiro e voltou para a sua tripeça a cantar e trabalhar como o costume.

O cego e o moço

Este relato recuerda muchísimo al episodio del ciego y el mozo del **Lazarillo de Tormes**, cuando **Lázaro** se venga del **ceigo** poniéndolo en frente de un pilar de piedra y pidiéndole que salte el charco que tiene delante.

Um cego andava pedindo esmola pela mão de um moço; a uma porta deram-lhe um naco de pão e um bocado de linguiça. O moço pegou no pão e deu-o ao cego para mettel-o na sacóla, e ia comendo a linguiça muito á surrelfa. O cego, desconfiado, pelo caminho começa a bradar com o moço:

— Oh grande tratante, cheira-me a linguiça! Acolá deram-me linguiça e tu só me entregaste o pão.

— Pela minha salvação, que não deram senão pão.

— Mas cheira-me a linguiça, refinado larapio!

E começou a bater com o bordão no moço pancadas de criar bicho. O moço era ladino e disse lá para si que o cego lh'as havia de pagar. Quando iam por uns campos onde estavam uns sobreiros, o moço embicou o cego para um tronco, e grita-lhe:

— Salta, que é rego.

O cego vae para saltar e bate com os focinhos no sobreiro. Grita elle:

— Oh rapaz do diabo! Que te racho.

Diz-lhe elle:

— Pois cheira-lhe o pão a linguiça,

E não lhe cheira o sobreiro á cortiça?

O ermitão e o ladrão

Numa ermida morava um virtuoso ermitão, ao qual se chegou um salteador de caminhos, dizendo-lhe: - Vós rogais a Deus por todos. Rogai-Lhe que me tire deste mau ofício que trago, senão eu vos hei de matar.

Saindo dali, tornava a fazer o mesmo que dantes, e outra vez tornava a vir ao eremita, dizendo:

- Vós não quereis rogar a Deus por mim, pois hei de vos matar.

Tantas vezes fez isto, que uma vez veio decidido a matar o eremita. Diante dessa decisão, o eremita propôs:

- Já que me queres matar, tiremos primeiro ambos uma pedra que tenho sobre minha sepultura. Depois de morto, lançar-me-ás dentro sem muito trabalho.

Ele aceitou, e assim foram ambos erguer a pedra. Porém, enquanto o salteador trabalhava quanto podia para erguê-la, o ermitão trabalhava para que ela não se erguesse. E desta maneira não faziam nenhuma mudança na posição da pedra.

O salteador deu pela coisa, e disse:

- Do modo como vós me ajudais, como posso eu erguê-la? Eu levanto a minha parte, mas vós inutilizais o meu esforço.

Antes que ele prosseguisse, o ermitão explicou:

- E agora vamos ao que nos interessa. Que me adianta rogar a Deus por ti, pedindo-lhe que te tire do pecado e mau ofício que trazes, se tu não te queres tirar e estás muito de propósito perseverando nele?

As adivinhas em anexins (Las adivinanzas, en pareados)

Um rei quiz experimentar o juízo de trez conselheiros que tinha, e indo a passear com elles encontrou um velho a trabalhar n'um campo, e saudou-o:

— Muita neve vae na serra!

Respondeu o velho com a cara alegre:

— Já, senhor, é tempo d'ella.

Os conselheiros ficaram a olhar uns para os outros, porque era verão, e não percebiam o que o velho e o rei queriam dizer na sua. O rei fez-lhe outra pergunta:

— Quantas vezes te ardeu a casa?

— Já, senhor, por duas vezes.

— E quantas contas ser depennado?

— Ainda me faltam trez vezes.

Mais pasmados ficaram os conselheiros; o rei disse para o velho:

— Pois se cá te vierem trez patos, depenna-os tu.

— Depennarei, real senhor, porque assim o manda.

O rei seguiu seu caminho a mofar da sabedoria dos conselheiros, e que os ia despedir do seu serviço se lhe não soubessem explicar a conversa que tivera com o velho. Elles, querendo campar por espertos, foram ter com o velho para explicar a conversa; o velho respondeu:

— Explico tudo, mas só se se despirem e me derem a roupa e o dinheiro que trazem:

Não tiveram outro remedio senão obedecer; o velho disse:

— Olhem: «Muita neve vae na serra», é porque eu estou cheio de cabellos brancos; «já é tempo d'ella», é porque tenho idade para isso. «Quantas vezes me ardeu a casa?» é porque diz lá o dictado: «Quantas vezes te ardeu a casa? Quantas casei a filha.» E como já casei duas filhas sei o que isso custa. «E quantas vezes conto ser depennado?» é que ainda tenho trez filhas solteiras e lá diz o outro:

Quem casa filha

Depennado fica.

Agora os trez patos que me mandou o rei são vossas mercês, que se despiram e me deram os fatos para explicar-lhes tudo.

Os conselheiros do rei iam-se zangando, quando o rei apareceu, e disse que se elles quizessem voltar para o palacio vestidos que se haviam ali obrigar a darem trez dotes bons para o casamento das outras trez filhas do velho lavrador.

(Más información: Teófilo Braga, *Contos Tradicionais do Povo Português (uma seleção)*. Porto, Porto Editora, 2015)

